

NA EJA, CRIANÇAS TRABALHARAM

AT EJA, CHILDREN WORKED

Gislaine Perdon – E.M. Prof.^a ZILDA GOMES DOS REIS DE ALMEIDA

Resumo

A aula estava planejada, a sala de leitura preparada, para apresentar aos estudantes, com aula expositiva e vídeo, o trabalho do artesão Valdeli Costa e da MIRITONG, ONG que confecciona brinquedos de miriti em Abaetetuba, na região nordeste do estado do Pará, o que serviria de inspiração para a produção de alguns brinquedos pelos alunos. A professora aguardava a chegada de todos os estudantes para irem juntos à sala de leitura, quando propôs um bate-papo sobre “brinquedos”. Os relatos e resgates de memória compartilhados foram tão belos que transformaram os três meses seguintes numa oportunidade de vivenciar as linguagens artísticas de maneira híbrida com o uso da tecnologia.

Palavras-chave: arte-híbrida,eja,tecnologia,memória.

Abstract

The class was planned, the reading room with the television prepared, where the students would learn through an expository class and video the work of artisan Valdeli Costa and MIRITONG, an NGO that makes Miriti toys in Abaetetuba, in the northeast region of the state of Pará and in the following classes they would produce some toys. The teacher was waiting for all the students to arrive at the classroom to go to the reading room together, when she proposed a chat about “toys”. Those stories, memory rescues were so beautiful that they transformed the following three months into an opportunity to experience artistic languages in a hybrid way with the use of technology.

Keywords: art,hybrid,eja,technology,memory.

Relato de experiência arte educativa

O vídeo “Na EJA, as crianças trabalharam” foi concebido com relatos dos estudantes sobre os brinquedos que fizeram parte de sua infância, foi a maneira que a professora encontrou para introduzir o tema da aula: “Brinquedos confeccionados com a madeira Muriti”, enquanto aguardava que os demais alunos chegassem à sala de aula. Todos estavam presentes quando a professora os convidou para a sala de leitura e os estudantes que ainda não tinham dado seus depoimentos pediram a fala para que também pudessem apresentar suas memórias como os demais já haviam feito.

Enquanto ouvia os estudantes, a professora procurou não pensar que a aula terminaria dali a alguns minutos e que não haveria tempo de aprofundar o

conhecimento sobre o vídeo a que iriam assistir. A aula tem duração de 40 minutos e administrar esse tempo não é tarefa fácil. Na EJA, o tempo é precioso, o curso é semestral, o termo “priorização curricular” utilizado pela Secretaria da Educação de Diadema pós-pandemia, é indispensável nesse segmento. Muitos alunos chegam com a certeza de que “perderam tempo” por não terem estudado quando crianças, acreditam que precisam do estudo para ser “alguém na vida” e não se reconhecem como sujeitos protagonistas que são. Por isso, trazer para a sala de aula suas histórias de vida e transformá-las em Arte ressignificou o próprio tempo que não foi mais perdido e sim reencontrado no fazer artístico.

A professora foi para casa e a fala dos alunos a acompanhou, falar de brinquedo era falar de trabalho, era preciso falar sobre isso, era esse o tema que “gritava” na turma e ela não poderia prosseguir com a construção de brinquedos. Na aula seguinte, propôs aos alunos que falassem mais sobre a relação entre brinquedos e trabalho através da arte e que poderiam escolher a linguagem artística, uma vez que já tinham a temática.

Os estudantes que vieram da EJA I e da quinta-série, já acostumados com apresentações artísticas, queriam o teatro; os estudantes novos, com medo de exposição, preferiam as artes visuais. Foi nesse momento que a professora ofereceu a possibilidade de produzirem um vídeo, no qual poderiam trabalhar com todas as linguagens artísticas, e aqueles alunos que não se sentissem à vontade com a exposição poderiam participar de outra maneira.

A professora selecionou dois dos depoimentos ouvidos em sala para serem refeitos, gravados e inseridos no vídeo, não sem antes pedir autorização aos autores.

A gravação foi feita na aula seguinte. Sem um espaço adequado, era possível ouvir o zelador fechando as portas das demais salas enquanto os depoimentos estavam sendo gravados.

Na sequência, iniciamos uma pesquisa musical sobre músicas que falam sobre brinquedos, poucos conheciam a dupla de música infantil “Palavra Cantada”; o grupo “Molejo” foi a primeira referência que surgiu. Na aula seguinte, a professora levou a fotocópia das letras e as músicas num *pen drive* para uma escuta ativa.

Os alunos ouviram com atenção as canções “Antigamente” e “Tente Entender”, ambas composições de Sandra Peres e Zé Tatit, “Criança não trabalha” composição de Arnaldo Antunes e Paulo Tatit, porque não conheciam. Já em “Brincadeira de Criança” de Délcio Luis e Wagner Bastos, interpretada pelo Grupo Molejo, cantaram, dançaram e fizeram percussão em seus cadernos. Naturalmente, a dança e a música teriam espaço no vídeo.

Na aula seguinte, a professora propôs aos estudantes uma primeira seleção das músicas que seriam utilizadas no vídeo e após ouvi-las novamente, quais trechos seriam utilizados, tudo de maneira colaborativa.

A professora editou a música respeitando as escolhas dos estudantes, adicionando uma sobreposição entre as músicas, deixando que uma penetrasse na outra.

Apresentada a colagem musical, professora e alunos ficaram emocionados ao ouvirem o áudio em mp3 com músicas e depoimentos, presente e passado.

Foi grande a ansiedade para preencher com imagens o vídeo que já tinha áudio. Para tanto, já havia propostas de desenhos e teatro, a ideia da fotografia surgiu de um aluno para representar o trabalho. E assim foi sendo definido o que fazer em cada parte da música.

Na aula seguinte, um grupo ficou desenhando enquanto o outro saiu para fotografar. A professora pediu fotos na horizontal e que brinquedos tomassem conta da imagem. Além de uma caça a brinquedos na escola, a professora trouxe de sua casa um cavalinho de madeira e um palhacinho.

E os desenhos começaram a ser feitos. Os alunos não são assíduos, mas o trabalho não podia esperar, quem estava presente concluía o desenho do colega. O trabalho era coletivo, o vídeo era coletivo, todos os estudantes eram importantes, independentemente de sua habilidade com desenho, música ou teatro.

A professora escolheu apenas dois estudantes para gravar o áudio, as demais funções foram definidas entre uma aula e outra: “Quem quer desenhar?”, “Quem quer pintar?”, “Quem quer dançar?”, “Quem quer interpretar?”, “Quem quer fotografar?”, “Quem quer filmar?” e até “Quem quer editar?”. Infelizmente, a aluna encarregada de editar o vídeo, acabou se afastando durante a maior parte do

processo e por isso a edição foi realizada pela professora a partir da sugestão dos alunos, nada foi feito sem o consentimento deles.

Conforme a necessidade, as técnicas foram trabalhadas em aula. As primeiras fotografias não tinham os brinquedos em primeiro plano e nem estavam na vertical, foi preciso uma aula sobre fotografia para que fossem refeitas. Na hora do canto, fez-se necessário apresentar a respiração diafragmática. Na pintura, aprender a usar o lápis de cor e o giz de cera. Na música, os instrumentos de percussão foram disponibilizados para quem demonstrou interesse. Na gravação do vídeo, orientações sobre a importância da luz e o caminho que a câmera deveria percorrer ou se manter.

Aula após aula, o vídeo foi sendo construído. Em alguns momentos, a professora participou do grupo de WhatsApp dos alunos e em outros usou um aluno como porta voz no grupo.

Levar brinquedos para a sala de aula, ocupar o parque da escola no período noturno fizeram surgir cenas e imagens que não estavam previstas para o filme. A professora quando percebeu também estava inserida no trabalho, as imagens que foram usadas como exemplos, acabaram incorporadas ao vídeo.

Os alunos adolescentes que entraram na turma no final do processo logo se apropriaram do vídeo em construção e contribuíram mais com a execução do que com ideias, não se reconheciam na história, mas as conheciam e respeitavam.

Ainda havia o trecho final do áudio para preencher com imagens. Fotografias da infância era uma ideia, mas não havia fotos suficientes, alguns professores foram convidados a participar. Fotos de documentos também foram enviadas e no momento da edição ficou a certeza de que somente essas deveriam ficar, o que transformou o vídeo em documentário.

No dia da exibição no telão para todos da unidade escolar, ouvíamos o trabalho ecoar em outros alunos. Assim como os produtores do vídeo, muitos estão hoje na EJA porque quando crianças e adolescentes se viram obrigados a trabalhar, abandonando os estudos.

Considerações finais

O vídeo realizado com uma linguagem híbrida e poética, trouxe a realidade da maioria dos estudantes da EJA, com desenhos pré- esquemáticos, revelando as

lacunas no desenvolvimento desses adultos que tiveram a infância comprometida pelo trabalho, mas, ao mesmo tempo, resgata a autoestima e o protagonismo de cada um, dando a todos a oportunidade de contar a própria história através da música, teatro, dança e artes visuais.

Referência

GISLAINE PERDÃO. Na EJA, as crianças trabalharam. YouTube, 05 de maio de 2024. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=2UbxZJez6U> >. **Acesso em: 12 de maio de 2024.**